

# Cultura Visual: definições, escopo, debates

Rosana Horio Monteiro

Doutora em Política Científica e Tecnológica pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Pesquisadora visitante no Departamento de Science and Technology Studies (STS) no Rensselaer Polytechnic Institute (RPI) em Troy/New York (EUA) em 1998. Professora na Universidade Federal de Goiás (UFG), no Programa de Pós-graduação em Cultura Visual. Editora responsável pela revista *Visualidades*. Autora de, entre outras publicações, *Descobertas múltiplas. A fotografia no Brasil (1824-1833)*, Campinas/São Paulo: Mercado de Letras/Fapesp, 2001.

## RESUMO:

O presente trabalho é parte de uma pesquisa ainda em andamento em que investigo questões relacionadas ao conceito de cultura visual e sua ligação com a história da arte. É uma disciplina emergente, um tópico de pesquisa, uma área ou subárea dos estudos culturais? Qual é o estatuto do objeto artístico dentro da cultura visual? Discuto, em particular, a importância do “visual culture questionnaire” para o desenvolvimento da área e o debate em torno do conceito de cultura visual. Esse questionário foi enviado para uma variedade de pesquisadores, críticos e artistas norte-americanos em 1996, e as respostas publicadas na revista *October* numa edição organizada por Rosalind Krauss e Hal Foster.

**PALAVRAS-CHAVE:** história da arte; cultura visual; estudos culturais.

## ABSTRACT:

This paper is a still work in progress that investigates issues related to the concept of visual culture and its connection with the history of art. Is it an emerging discipline, a topic of research, an area or sub-area of cultural studies? What is the status of the artistic object within the visual culture? I discuss particularly the role of the “visual culture questionnaire” to the development of the area and the debate around the concept of visual culture. The questionnaire was sent to a variety of researchers, critics and artists from North America and the answers were published in a 1996 edition of the journal *October* organized by Rosalind Krauss and Hal Foster.

**KEY WORDS:** art history; visual culture; cultural studies.

## Cultura Visual: definições, escopo, debates

### Introdução

Em 1996, a edição nº 77 da revista norte-americana de arte e cultura *October*<sup>1</sup>, então editada por Rosalind Krauss e Hal Foster, dedicou um número especial para os resultados de um questionário intitulado 'visual culture questionnaire'. O questionário, composto por quatro questões abertas, foi enviado para uma variedade de pesquisadores, críticos e artistas norte-americanos, entre os quais Svetlana Alpers, Carol Armstrong, W.T. Mitchell e Martin Jay, e pretendia explorar o conceito de 'cultura visual', na medida em que este emergia como uma discreta área de estudo nos meios universitários norte-americanos desde a década anterior.

Krauss, Foster, entre outros pesquisadores, mostraram-se apreensivos com a possibilidade de a abordagem interdisciplinar dos estudos visuais poder levar à rendição do conhecimento histórico e dos métodos críticos mantidos pela tradicional disciplina de história da arte. Se todas as articulações do visual fossem tratadas indiscriminadamente dentro de uma "meta-disciplina" de cultura visual, a diferença entre arte e imagem midiaticizada

seria nivelada. Como um todo, acreditava-se que a abordagem generalizante dos estudos visuais pudesse promover um entendimento simplista da análise cultural, implicando numa perda radical de criticidade.

Apesar do impacto causado pelo questionário, a "Cultura Visual" ou os "Estudos Visuais" sobreviveram e alcançaram reconhecimento institucional no século 21, como atestam alguns indicadores: dois fóruns eletrônicos – um criado por Nicholas Mirzoeff e outro pela American Studies Association; periódicos, como o *Journal of Visual Culture*, criado em 2002 e publicado pela SAGE,<sup>2</sup> uma nova série de livros editada pela University of Rochester e a reedição de *The visual culture reader*, organizado por Nicholas Mirzoeff. Mas, conforme alerta Jay (2005), com a maturação do campo também surgem reflexões sobre até onde essa área caminhou e onde deverá se localizar nos anos vindouros.<sup>3</sup>

### Da arte para a cultura visual

Os editores de *October* estavam preocupados com a localização dos estudos da cultura visual em relação às tradições das

<sup>1</sup> Publicação acadêmica, cujo nome faz referência ao filme *Outubro*, de Sergei Eisenstein, a revista, especializada em arte contemporânea, crítica e teoria, foi fundada em 1976 em Nova York por Rosalind Krauss e Annette Michelson. No período de sua criação, tornou-se a porta-voz em língua inglesa do pós-estruturalismo francês, focando seus artigos na arte pós-moderna. Publicada pelo MIT Press, os números da revista podem ser acessados no site: <http://www.mitpressjournals.org/loi/octo>.

<sup>2</sup> Disponível para consulta no portal de periódicos da CAPES.

<sup>3</sup> Para discussões recentes sobre o tema, ver Bal (2003) e Dikovitskaya (2005).

disciplinas de humanidades, tais como a história da arte, e reivindicavam que o projeto interdisciplinar da cultura visual não estava mais organizado sobre o modelo da história assim como acontecera com a história da arte, da arquitetura e a teoria do filme, mas sim sobre o modelo da antropologia. A essa mudança Evans e Hall (1999) chamaram de dupla troca: da arte para a cultura visual e da história para a cultura. Nesse contexto, a arte deixa de ter um estatuto privilegiado em relação a outras práticas de significação e de produção de discursos.

O termo cultura visual pode englobar uma variedade de formas de representação, desde as artes visuais e o cinema, até a televisão e a propaganda, atingindo ainda áreas em que, em geral, não se tende a pensar em cultura visual – as ciências, a justiça, a medicina, por exemplo. A cultura visual se ocupa da diversidade do universo de imagens. O conceito de ‘cultura visual’ foi introduzido no debate acadêmico como um novo foco de investigação e rapidamente tornou-se tema de uma discussão acalorada, embora ainda bastante incipiente no cenário acadêmico brasileiro.

Localizado em algum ponto no cruzamento da tradicional história da arte, do cinema, da fotografia e dos estudos midiáticos, da filosofia da percepção, da antropologia dos sentidos e dos estudos culturais, os estudos visuais desafiam qualquer categorização, como ocorre freqüentemente com os “híbridos” (JAY, 2005).

Apesar da dificuldade em se precisar o início dos assim chamados estudos visuais como um novo campo acadêmico marcado pela interdisciplinaridade, pode-se identificar

como período fundador, sobretudo no cenário acadêmico anglo-saxão, o final dos anos 80. É o momento em que a história da arte, a antropologia, a lingüística, os estudos de cinema e a literatura comparada encontram a teoria pós-estruturalista e os estudos culturais (DIKOVTSKAYA, 2005).

Alguns esforços pioneiros podem ser destacados, tais como a publicação de *Ways of seeing* (1972), de John Berger; *Vision and painting: the logic of the gaze* (1983), de Norman Bryson; *History of bourgeois perception* (1983), de Donald Lowe e *Iconology* (1986), de Mitchell. Ou, ainda, como destaca Jay (2005), conferências como a organizada por Hal Foster, em 1983, no Dia Art Foundation, em Nova York, cuja produção originou a coleção *Vision and visuality*, com ensaios de Rosalind Krauss, Jacqueline Rose, Jonathan Crary, Norman Bryson, entre outros colaboradores.

Às iniciativas acima descritas, juntam-se dois programas acadêmicos que podem ser considerados como fundadores: o da Universidade de Rochester (1989), em Nova York, e o da Universidade da Califórnia, em Irvine (1998). Além deles podemos citar os da Universidade de Chicago e da SUNY Stony Brook (NY). É importante ressaltar, ainda, o papel de alguns periódicos no debate em torno do novo campo dos estudos visuais, com destaque para o já citado *Journal of Visual Culture* e o *Visual Studies*<sup>4</sup>, além, é claro, da própria *October*. No Brasil, podemos citar a revista *Visualidades*, publicação semestral do programa de mestrado em Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás (UFG).<sup>5</sup>

Criado em 2003, o programa de mestrado da UFG é o único no Brasil em Cultura Visual

<sup>4</sup> *Visual Studies* é uma publicação da International Visual Sociology Association. Para conferir as edições da revista, ver <http://www.visualsociology.org/publications.html>.

<sup>5</sup> O primeiro número da revista foi publicado em 2003. Ver números já publicados em [www.fav.ufg.br/culturavisual](http://www.fav.ufg.br/culturavisual).

e divide-se em duas áreas de concentração – processos e sistemas visuais e educação e visualidade -, com três linhas de pesquisa: história, teoria e crítica da arte e da imagem; poéticas visuais e processos de criação; culturas da imagem e processos de mediação. Anualmente realiza um seminário de pesquisa, cujo objetivo é apresentar a diversidade de olhares sobre os estudos visuais, estimulando o debate em torno de questões relacionadas ao campo da arte e da cultura visual. A partir desse ano, o seminário passa a ter abrangência nacional.

Com relação às publicações no Brasil, talvez a primeira em português tenha sido o artigo de Douglas Crimp, publicado na Revista USP em 1998, num dossiê sobre arte e contemporaneidade, em que ele comenta a relação entre os estudos culturais e a cultura visual. Meneses publica em 2003 na Revista Brasileira de História um estudo sobre o tema e em 2006 Knauss atualiza a discussão. A edição mais recente da revista Visualidades traz um dossiê sobre “cultura visual”, com artigos de pesquisadores brasileiros, espanhóis e norte-americanos. Em 2006, a revista Interin<sup>6</sup> publica tradução de Showing seeing: a critique of visual culture, artigo de Mitchell originalmente publicado no Journal of Visual Culture em 2002.

Com a temática “Space, time and image”, a International Visual Sociology Association realiza sua conferência pela primeira vez na América Latina. Será em Buenos Aires, de 6 a 8 de agosto desse ano.<sup>7</sup>

#### O questionnaire e seus desdobramentos

Numa pesquisa desenvolvida em 2001 como parte de sua tese de doutoramento<sup>8</sup>, Dikovtskaya entrevistou os pesquisadores que responderam ao “visual culture questionnaire” e identificou três grupos dominantes: o primeiro que considera a cultura visual como uma expansão apropriada da história da arte; outro que vê o campo como independente da história da arte e mais apropriadamente estudado com as tecnologias da visão relacionadas à era digital e virtual e, finalmente, um terceiro grupo que entende a cultura visual como um campo que desafia a tradicional disciplina de história da arte. As entrevistas foram incluídas em seu livro *Visual culture: the study of the visual after the cultural turn*, publicado em 2005.

Nos estudos de cultura visual, como observa Knauss (2006), a cultura é entendida como produção social e, por isso, o olhar pode ser definido como construção cultural, com a competência visual do espectador sendo estabelecida socialmente. Assim, o conceito de autonomia da arte é substituído pelo conceito de intertextualidade; o valor estético também é uma construção social. Em vez de uma história da arte, passa-se a pensar em uma história da imagem. Dessa forma, do “pictorial turn”, proposto por Mitchell (1994) nos anos 90, passa-se ao “visual turn”, como sugere Jay (2002), com a visão deixando de ser entendida como dada naturalmente e a universalidade da experiência visual sendo questionada.

<sup>6</sup> Publicação on-line do programa de Mestrado em Comunicação da Universidade Tuiuti do Paraná. Ver [www.utp.br/interin](http://www.utp.br/interin).

<sup>7</sup> Ver sítio do evento: [http://www.visualsociology.org/conf\\_2008/](http://www.visualsociology.org/conf_2008/).

<sup>8</sup> Dikovitskaya foi orientada por Keith Moxey na Universidade de Columbia e sua tese intitula-se “From art history to visual culture: the study of the visual after the cultural turn”.

Para Mirzoeff (1999), contudo, a cultura visual não é simplesmente uma história das imagens. Para ele, a cultura visual é uma abordagem para o estudo da vida na contemporaneidade do ponto de vista do consumidor mais do que do produtor e um meio de entender a resposta do consumidor à mídia visual. O autor considera, ainda, que a cultura visual não depende propriamente das imagens, mas da tendência moderna de visualizar a existência. Mirzoeff entende cultura visual como a interface entre todas as disciplinas que lidam com a visualidade e a cultura contemporânea.

Como conclui Dikovitskaya (2002), alguns pesquisadores usam o termo “estudos visuais” para denotar novas abordagens teóricas em história da arte; outros querem expandir o território profissional dos estudos da arte para incluir artefatos de todos os períodos históricos e culturas; alguns enfatizam o processo do ver através das épocas; enquanto mais alguns pensam a categoria do visual como incorporando mídias não tradicionais, não somente a televisão e a mídia digital, mas também a ciência, a medicina e as leis. Não existe consenso com relação às abordagens estratégicas, metodologias e práticas pedagógicas a adotar.

No contexto da cultura visual, a imagem, além de representação, pode ser entendida como um artefato cultural; por isso ela permite a reconstrução da história cultural de grupos sociais, contribuindo também para um melhor entendimento de processos de mudança social, do impacto da economia e da dinâmica das relações interculturais. Ou seja, a representação também é uma prática de significação.

Contudo, a imagem não fala por si só, mas expressa e dialoga constantemente com

modos de vida típicos da sociedade que a produz. Nesse diálogo ela se refere a questões culturais e políticas fundamentais, expressando a diversidade de grupos e ideologias presentes em determinados momentos históricos. Assim, através da análise das imagens, é possível melhor entender as mudanças e transformações por que passaram os diferentes grupos sociais. Como, então, analisar imagens? Falar em métodos de pesquisa da imagem é falar de metodologias referentes à construção, transmissão e decodificação de produtos visuais, produzidos dentro de uma dita cultura visual.

#### Referências bibliográficas

- ANDERMANN, Jens and ROWE, William (Ed.). *Images of power: Iconography, culture and the state in Latin America*. Oxford and New York/ Berghahn Books, 2005.
- BAL, Mieke. Visual essentialism and the object of visual culture. *Journal of Visual Culture* 2 (1): 5-32.
- CRIMP, Douglas. Estudos culturais, cultura visual. *Revista USP. Dossiê Arte e Contemporaneidade*. São Paulo: USP, Dezembro / Janeiro / Fevereiro, 1998-1999.
- DIKOVITSKAYA, Margaret. A look at visual studies. *Afterimage*, Mar-Apr, vol. 29, n. 5, 2002.
- DIKOVITSKAYA, Margaret. *Visual culture: The study of the visual after the cultural turn*. Cambridge, MA: MIT Press, 2005.
- EVANS, J.; HALL, S. *Visual culture: The reader*. London: Sage, 1999.
- JAY, M. Cultural relativism and the visual turn. *Journal of Visual Culture*, Vol. 1, n. 3, p. 267-278, 2002.
- JAY, M. Introduction to show and tell. *Journal of Visual Culture*, Vol. 4, n. 2, p. 139-143, 2005.
- KNAUSS, P. O desafio de fazer história com imagens: Arte e cultura visual. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, jan-jun, 2006.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Fontes visuais, cultura visual, história visual. Balanço provisório, propostas cautelares. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 23, n. 45, p. 11-36, 2003.

MIRZOEFF, Nicholas (ed.). [1998] The visual culture reader. London: Routledge, 2002. 2<sup>nd</sup>. Edition.

MITCHELL, W.J.T. Picture theory: Essays on verbal and visual representation. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1994.

MITCHELL, W.J.T. Mostrar o ver: uma crítica à cultura visual. Interin. Revista on-line. Curitiba: Universidade Tuiuti do Paraná, n. 1, 2006. Trad.: Rubens Portella.

October 77 (Summer 1996): "Visual culture questionnaire".

Visualidades. Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual. Dossiê Cultura Visual. Goiânia, GO: Faculdade de Artes Visuais/UFG. V. 4, n. 1 e 2, 2006.